



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA – IFAC

NORMA ALVES PEDROSA BITTENCOURT

DAS NOVAS ESPIRITUALIDADES
À EMOÇÃO EM BERGSON

Ouro Preto
Janeiro de 2022

NORMA ALVES PEDROSA BITTENCOURT

DAS NOVAS ESPIRITUALIDADES À EMOÇÃO EM BERGSON

Artigo apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marta Luzie de Oliveira Frecheiras

Ouro Preto
Janeiro de 2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Norma Alves Pedrosa Bittencourt

Das novas espiritualidades à emoção em Bergson

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia

Aprovada em 06 de janeiro de 2022

Membros da banca

Profª Drª Marta Luzie de Oliveira Frecheiras - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP))
Prof. Dr. Edvaldo Antônio de Melo (Faculdade Arquidiocesana de Mariana (FAM))
Prof. Dr. Adelmo José da Silva (Universidade Federal de São João del Rey (UFSJ))

Profª Drª Marta Luzie de Oliveira Frecheiras, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/01/2022



Documento assinado eletronicamente por **Marta Luzie de Oliveira Frecheiras, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/01/2022, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0265723** e o código CRC **B332867F**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000270/2022-21

SEI nº 0265723

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

DAS NOVAS ESPIRITUALIDADES À EMOÇÃO EM BERGSON

Norma Alves Pedrosa Bittencourt¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar a reflexão em torno da questão de como as religiões com seus dogmas da forma tradicional, que pouco se modificaram ao longo dos séculos, não conseguem se aproximar dos desejos espirituais das pessoas na atualidade, permitindo assim, que elas busquem alternativas nas novas espiritualidades que vêm surgindo em diversos formatos, muitas das vezes, a partir de um intuito meramente comercial. Além disso, buscaremos compreender qual é a crítica do filósofo francês Henri Bergson a essa mesma temática, em sua obra “As duas fontes da moral e da religião”, apontando a necessidade humana da fabulação para conseguir viver, estando ela muito presente na religião que ele nomeia de duas formas: uma a religião fechada, mecânica, que seria permeada por crenças e valores morais distantes do indivíduo; e a outra a religião aberta, ou seja, o próprio misticismo, a religião capaz de conduzir o homem ao seu interior e viver a verdadeira espiritualidade em sua essência, trazendo o despertar do amor para com ele e para com toda a humanidade. Ademais, trataremos ainda da importância do ser humano ter acesso à sua emoção originária, a fim de impulsionar a vida de forma inovadora e criativa.

Palavras-chave: Religião, misticismo, espiritualidade, emoção.

ABSTRACT

This article aims to present a reflection on the issue of how religions with their dogmas in the traditional way, which have changed little over the centuries, cannot approach the spiritual desires of people today, thus allowing them to seek alternatives in the new spiritualities that have been emerging in different formats, often from a purely commercial purpose. In addition, we will seek to understand the criticism of French philosopher Henri Bergson on this same theme, in his work “The two sources of morality and religion”, pointing out the human need for fabulation to be able to live, which is very present in the religion that he names it in two ways: one, closed, mechanical religion, which would be permeated by beliefs and moral values far removed from the individual; and the other open religion, that is, mysticism itself, the religion capable of leading man to its interior and living the true spirituality in its essence, bringing the awakening of love for him and for all humanity. Furthermore, we will also address the importance of human beings having access to their original emotion, in order to boost life in an innovative and creative way.

Keywords: Religion, mysticism, spirituality, emotion.

¹ Mestranda em Filosofia na linha metafísica e mente pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) com a pesquisa “VIVÊNCIA INTUITIVA EM HENRI BERGSON: a vida para além do universo conceitual”. Pós-graduada em Psicopedagogia, graduada em Pedagogia pela UEMG, licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, bacharelada em Filosofia pela mesma universidade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo trazemos reflexões de como pensar o papel da religião na contemporaneidade e o lugar que tem ocupado na vida das pessoas. Vive-se um período de inquietude com relação às religiões que se multiplicam e diversificam. Busca-se nessas religiões algo que mantenha a fé e leve a acreditar em um Ser superior que ajude a superar as angústias vividas na contemporaneidade e que facilite o encontro com a espiritualidade humana.

Porém, questiona-se a prática dessas religiões e o seu distanciamento da dimensão da espiritualidade, pois ao que parece, essas religiões estão esvaziadas do seu propósito de levar o homem ao encontro da sua espiritualidade, contendo, em sua maioria, sermões e práticas conservadoras, eivadas de preconceitos e proibições que não cabem mais no mundo hodierno.

Pretendemos trazer o pensamento de alguns autores, destacando o do filósofo francês Henri Bergson com o conceito de Religião e Misticismo e ainda entender como a emoção citada por ele pode conduzir a uma existência mais feliz.

1. NOVAS ESPIRITUALIDADES

Muitas dessas religiões que prometem um encontro com algo divino sobrevivem por meio da troca de bens materiais em favor da graça a ser alcançada pelo seguidor, ou como um caminho mais curto para se chegar a Deus. “A religião reforça a disciplina (...) os seus ritos e cerimônias estreitam a solidariedade entre deus e a homenagem, o sacrifício compra um favor do deus ou afasta a sua cólera, sendo, tal como a prece, um laço entre o homem e a divindade” (BERGSON, 2005, p.173).

Não obstante, ainda temos outro complicador para a adesão às práticas religiosas tradicionais. Pelo fato de as religiões ainda estarem enraizadas em seus dogmas como uma imposição autoritária de regras aos seus seguidores², há quem não aceite mais essas práticas tradicionais. Afinal, o mundo evoluiu, as pessoas conseguem ter acesso à informação cada vez mais rápido, e a verdade dos “bastidores” das religiões é colocada à tona, pois seus valores são questionados lançando dúvidas aos fiéis sobre suas crenças.

No meio da cultura ocidental, predominantemente hedonista e materialista, o interesse por novas formas de espiritualidade está ressurgindo, o que, apesar da ambiguidade que contém, indica uma profunda busca e insatisfação das pessoas. Embora, muitas

² Esses dogmas geralmente são absolutos, inquestionáveis, mecânicos e imutáveis.

dessas novas espiritualidades são demasiadamente autocentradas, sua emergência é um sintoma que não deve ser negligenciada. Alguns autores falam do início de uma era pós-materialista que se opõe à cultura materialista na qual o Ocidente se estabeleceu assim que a Segunda Guerra Mundial terminou (CARRERA, 2014, p.22).

Na atualidade observa-se uma crescente busca para o alívio das incompletudes geradas pela mudança de hábitos cada vez menos relacionados a uma forma do bem viver do indivíduo. A religião surge como possibilidade de salvação, por isso, pessoas buscam novas alternativas para a sua religiosidade.

Uma das características mais fortes das novas espiritualidades, e que marcou muitos dos estudos realizados, é a centralidade no indivíduo, uma verdadeira religião do self. A percepção de que a divindade se encontra no interior do sujeito levou a uma desconfiança e uma ruptura com os modelos tradicionais centrados na instituição, notadamente as formas eclesiais tradicionais (GUERRIERO, 2009, p. 39).

Porém, muitas dessas novas formas de espiritualidade oferecem algo “mágico”, trazendo uma falsa ilusão de que todos os problemas desaparecerão, mas a causa do desconforto existencial continuará, e logo reaparecerá sob uma nova forma. Segundo Carrera, em “O Despertar dos Mágicos”,

A análise acerca das novas espiritualidades tem de evitar considerar essas novas espiritualidades como formas antirreligiosas ou puramente negativas. Portanto, elas não devem ser entendidas como sendo manipuladoras, egocêntricas, sem alteridade, emocionais. Contudo, a análise deve tentar se concentrar no sintoma, na ação insatisfeita, que as origina e nas características que elas têm e que as tornam atraentes para muitas pessoas (CARRERA, 2014, p.22).

Por outro lado, segundo Bergson, a “magia é inata ao homem, na medida em que não é mais do que a exteriorização de um desejo que enche o coração” (BERGSON, 2005, p.146). Dessa feita, ele afirma que a magia seria um desejo de agir sobre as coisas, mesmo aquelas que não se pode atingir. Ela faz parte de uma religião que ele chama de inferior e somente o homem em seu estado natural deixa a magia entrar, sobrepor-lhe, mascará-la, a ponto de levar a acreditar que a verdadeira ciência esteja ausente (BERGSON, 2005, p.151).

Aqueles que não se sentem confortáveis em um determinado grupo religioso, tampouco com as práticas apresentadas por essas religiões buscam ir adiante, procurando uma nova prática

religiosa, pois eles anseiam por algo que os alivie das angústias do cotidiano, mas que também não os anteponha mais obrigações sobre os ombros.

Nesse sentido, observamos um crescente interesse por novas formas de espiritualidades, pessoas que em oposição aos valores pregados pelas religiões buscam algo capaz de promover o autoconhecimento, a religião do self, como disse Guerriero. A problemática é que os seus facilitadores nem sempre inspiram confiança, usam vários apelos para convencer novos adeptos voltando aos mitos, aos antepassados e às viagens espaciais. Além disso, surgem práticas³ com promessas tentadoras que acabam por reafirmar a cultura da “moeda de troca”. No entanto, por apresentarem uma nova roupagem, essas práticas são aceitas por pessoas mais fragilizadas que acabam recaindo no fluxo do modismo que é capaz de ocupar a cadeira do status da moda.

Todavia, há um espaço entre as novas espiritualidades e as religiões professadas atualmente, existe uma busca para encontrar aquela que possa levar a uma introspecção profunda e colocar o ser humano mais próximo de seu equilíbrio e da harmonia com a natureza⁴. Segundo Guerriero, as pessoas as buscam (as espiritualidades), muitas vezes, na tradição primitiva de algumas religiões exóticas.

O circuito Nova Era ampliou suas buscas por tradições exóticas. Desta feita passou a incorporar as religiões nativas e populares do Brasil. Hoje há um conjunto relativamente grande de índios brasileiros, de diferentes etnias, que oferecem palestras, cursos e workshops a qualquer interessado que busque um aprimoramento de seu ser e uma elevação espiritual. Mantras, reike e pajelança fazem parte de um mesmo repertório, pouco importando as origens diversificadas. Assim, do mesmo jeito em que o circuito da Nova Era incorpora os nativos de religiões tradicionais, estes exercem uma nova linguagem, própria desse circuito, articulando elementos culturais os mais diversos, mas que dentro de uma lógica comum ao meio ganham um sentido e significado. Mas, o mais interessante, talvez, seja olhar para o outro lado e perceber que as religiões do mainframe também se modificaram. Por toda parte percebemos sinais de como o catolicismo, o pentecostalismo e outras religiões tradicionais da sociedade brasileira incorporaram elementos, ou até mesmo um ethos, da Nova Era. Trata-se de uma via de mão dupla, uma coisa híbrida, onde cada lado se interpenetra deixando suas marcas. (GUERRIERO,2009, p. 37).

O autoconhecimento é um encontro com a espiritualidade? Segundo Medeiros, “Trata-se de permitir que o eu profundo se comunique com o eu superficial, de maneira que aconteça o transcender do agir, que o espírito espiritualize o mundo (MEDEIROS,2003, p.82). Dessa forma, o que percebemos é que a humanidade busca o encontro com o seu eu e com o outro,

³Práticas meditativas, treinamentos mentais, terapias holísticas, entre outros.

⁴No sentido de que para recuperar a nossa espiritualidade temos que recuperar a nossa conexão com a natureza numa ecologia profunda.

ela busca algo que a conduza a ações mais assertivas, e que estejam imbuídas do sentimento de amor fraterno e universal. Sendo assim, quando as religiões são bem conduzidas, elas podem tornar-se um caminho que eleve a humanidade a um patamar axiológico almejado por todos. Contudo, segundo Bergson (2005, p.187), para nós o misticismo se manifesta na vida pelo esforço criador que transpõe os limites materiais, sendo capaz de alcançar a ação divina. Para alcançar essa espiritualidade é necessário chegar ao ponto da transcendência, ir além dos dogmas, não se mantendo preso nem às leis, nem às convenções sociais que escravizam a alma humana.

No entanto, parece-nos que para ganhar essa liberdade é preciso ter o entendimento do caminho a percorrer. Ter um senso crítico, a fim de conseguir fugir das armadilhas que muitas dessas religiões tradicionais nos levam a cair. A inteligência e o espírito precisam estar alinhados para que sejam capazes de conduzir a ações voltadas para o amor e experienciar o sagrado, em seu sentido mais estreito.

Não há religião ou metafísica que console a quem não se conheceu, não se destruiu, não se conquistou, não se tornou aquilo que é. “*Conhece-te a ti mesmo*”, “*cuida de ti mesmo*”, “*torna-te quem tu és*”... Tais preceitos são, sem dúvida, um passo importante na nossa busca por desbravar caminhos capazes de religar a filosofia à espiritualidade, porque não há como seguir esse caminho sem empenhar nisso a própria existência (ROCHAMONTE, 2015, p.55).

Será que acreditar em Deus é realmente necessário para uma vida feliz? Não conseguimos explicar todas as coisas da vida, ainda estamos envoltos em mistérios, somos seres incompletos e o que conseguimos, além disso, são algumas experiências religiosas nas quais ficamos confusos diante da sua magnitude, e nem sempre conseguimos fixar-nos num conceito que as traduzam e as justifiquem, conferindo-lhes um valor de verdade. Segundo Swinburne “Os seres humanos precisam de ajuda – ajuda para ver quais são nossas obrigações e em que consiste nosso bem último, e apoio e encorajamento para buscar o bem.” (SWINBURNE, 2017, p.161). O homem é um ser natural, é instintivo e racional, mesmo assim é frágil, passível de ser enganado pela própria inteligência; tudo pode estar em nós e ainda assim, continuarmos estranhos a nós mesmos. Talvez, estejamos vendados até mesmo para reconhecer o divino que perpassa a vida e deixemo-lo ir sem presentir o elo do amor e a face de Deus. “As grandes religiões ocidentais todas afirmam que Deus interveio na história a fim de revelar verdades aos seres humanos; e elas normalmente acrescentam que ele montou um mecanismo que, em algum

grau ou de algum modo vai garantir a preservação dessas verdades entre os homens.” (SWINBURNE, 2017, p.162).

Então, como se dá a espiritualidade e qual a sua relação com a religião? O que nos inquieta é saber que a religião está se tornando vazia dos valores de fraternidade que vão além de conceituações dogmáticas. No entanto, deveria ser ela uma expressão de união entre o humano e o divino, uma espiritualidade que fosse a favor da vida.

Sem pretender entrar aqui para realizar uma análise completa, acreditamos que eles frequentemente expressam uma crítica necessária a certas formas religiosas às quais a Igreja há muito tempo se dedica. Uma religiosidade eclesial muito racional, muito focada no discurso, excessivamente ética, não muito comemorativa, não muito estética, individualista (ou pelo menos com pouco senso comunitário), na qual qualquer expressão de sentimento sempre foi vista como suspeita de subjetivismo (CARRERA, 2014, p.22-23).

As pessoas buscam na religião a possibilidade de ir ao encontro da paz interior e, ao mesmo tempo, de uma vida com saúde, prosperidade e felicidade. O sentido de frequentar os templos religiosos e seguir os seus rituais só são compensatórios se levar a esse encontro. Porém, existem aqueles que buscam a espiritualidade, e logo percebem que os dogmas estão enraizados em ações que, humanamente falando, parecem que são contrárias à vontade de Deus, por causa da mecânica repetitiva e materialista, que mais afasta a espiritualidade do que a aproxima, e isso leva ao afastamento do público.

Por essa razão, surgem, então, novas experiências espirituais que trazem às pessoas a possibilidade de romper com a tradição religiosa e independente da forma de manifestação, possam lhes dar a paz que tanto buscam. Essas novas práticas estão cada vez mais presentes e fazem parte do senso comum. Elas prometem a cura mental e física, o alívio para as angústias e uma nova vida. Práticas essas, que muitas vezes são provenientes de longe, como as meditações indianas, o *coach* norte-americano, o esoterismo oriental, o xamanismo indígena. Todas elas possuem uma proposta de autoconhecimento, que são aderidas pelas pessoas, muitas vezes, sem que elas ainda consigam despir-se da roupagem da religião de batismo. Buscam uma nova experiência. Segundo Castillo (2007, p. 11), os que vendem livros sabem perfeitamente o que mais interessa às pessoas. E percebem que uma boa parte do público que entra nas livrarias se atraem mais pelos títulos sobre esoterismo do que os relacionados com a religião propriamente dita. Em outras palavras, o esoterismo está ganhando da religião e, seguramente também da espiritualidade.

Este tipo de comportamento não tem contribuído para trazer à tona a espiritualidade. “Podemos também observar dentro das religiões uma resistência do antigo ao incorporar e assumir as formas de mito, tabu, determinismos e torpor” (MEDEIROS, 2003, p.50). Desta forma, acabam por sua vez, se distanciando da abertura do espírito humano, tornando-se fechadas e limitadas em sua moralidade obsoleta para os atuais padrões da sociedade. A espiritualidade nos aparece como libertadora do espírito, sendo capaz de fortalecer o enfrentamento de viver numa sociedade vazia de sentido, potencializando a força humana para o viver em plenitude e no amor. Caso não encontre esse caminho por meio da espiritualidade, pode-se criar um mundo mental materialista e falso, uma prisão que leva a descaminhos, uma humanidade repleta do nada. “Nada” esse, como impossibilidade, incompletude, como vazio que paralisa e impede o livre prosseguir, o livre fluir, porque não proporciona mais relação com Deus, e uma vida vivida na esperança.

E ele pede uma atitude que se esforce para “conhecer as causas da negação de Deus que estão ocultas na mente do homem ateu” e “consciente da seriedade dos problemas colocados pelo ateísmo e movimento pelo amor que sente a todos os homens”, considera que os motivos do ateísmo devem ser objeto de um exame sério e profundo [GS 21]. Algo semelhante deve ser feito pela Igreja e pelos cristãos diante de novas espiritualidades ou formas religiosas (CARRERA, 2014, p. 23).

Esse lugar vazio e sem sentido, a falta de vontade, a solidão onde os passos pesam pela falta da vida interior, a racionalidade destituída do querer, paralisada pelo efeito como o de uma droga que torna a existência “como entre brumas” e a coloca à mercê dos medos criados, tal como aquele da morte que assombra como única solução, nada se busca porque não tem luz aos olhos, tudo se tornou escuridão. E quando tudo se torna escuridão, ainda assim, pode-se ver a luz e remar ao seu encontro, porque a luz está no interior de cada um e ilumina o caminho. Um caminho delicado que deve ser percorrido com cuidado e a passos leves, até que se tenha confiança que o bem que a religião proporciona pode ser maior do que a crítica que fazemos dela, e que seja capaz de transcender os seus dogmas indo além deles para chegar, enfim, a atingir o cerne do espírito humano. Pois, segundo Castillo (2007, p.13), vivendo intensamente a espiritualidade seremos mais plenos e agiremos com humanidade.

2. RELIGIÃO EM HENRI BERGSON

Para Bergson (2005, p. 180) a religião apega o homem à vida e vem para desempenhar um papel social variando segundo a época e o lugar. “A primeira função da religião, portanto, diz respeito à preservação social. É uma espécie de instinto (uma reação defensiva) mas também é uma inteligência espiritual capaz de cultivar indivíduos⁵” (ANSELL, 2018, p. 136). Ela completa a redução dos intervalos entre um mandamento da sociedade e uma lei da natureza, aqui embaixo ela é aproximativa e mais ou menos artificialmente obtida pelos homens e lá no alto ela é perfeita, e realiza-se por si só. Ele nos apresenta dois sentidos para o termo religião: No primeiro sentido, a religião é fechada ou estática, segundo Bergson seria uma religião que desempenha sempre um papel social variando segundo o tempo e o lugar: “Em sociedades como as nossas, a religião tem por primeiro efeito sustentar e reforçar as exigências da sociedade” (BERGSON, 2005, p.26). Nesse contexto, uma religião na qual as pessoas sentem que não precisam de metanóia⁶, que a religião é o único caminho, o único meio de se chegar ao absoluto, ela torna-se o tipo de manifestação que vem se afirmar como a proprietária exclusiva de Deus e que, portanto, sem ela ninguém chega a Ele. Por essa razão, não deve aceitar outras manifestações religiosas, outros costumes, outros hábitos religiosos. Sendo assim, tratar-se-ia de uma religião fechada em seus dogmas, próxima a uma moral conservadora que contribui para a manutenção do *status quo* de uma sociedade fechada. Na religião estática a doutrina é ortodoxa⁷, atemporal, não responde mais àquilo que o homem gostaria de ter em termos de respostas, ela é fixa.

No segundo ponto, Bergson, em oposição à religião estática, denomina a religião dinâmica como misticismo, porque a religião é aberta, é muito mais uma forma de viver do que um credo, ela é muito mais uma forma se relacionar com o transcendente do que propriamente uma profissão de fé, seguimento de ritos, sacrifícios, preces, “Vem então uma imensa alegria, êxtase em que ela se absorve ou arrebatamento que sofre: aí está Deus, e ela nele. Deixa de haver mistério. Os problemas dissipam-se, as obscuridades desvanecem-se; é uma iluminação (BERGSON, 2005, p.194/195). A isso, Bergson denomina de misticismo: uma manifestação do amor que parece ser a própria essência do criador. O misticismo é muito mais o fenômeno

⁵ Tradução nossa

⁶Metanoia: A palavra vem do Grego metanoia, que significa “mudança de ponto de vista, arrependimento”. <https://www.meusdicionarios.com.br/metanoia/>

⁷ Ortodoxa feminino de Ortodoxo : Rigoroso; quem segue estritamente as normas e/ou regras estabelecidas por uma religião, ideologia, filosofia, política ou sociedade. <https://www.dicio.com.br/ortodoxo/>

religioso na pessoa do que propriamente a religião exercida pela pessoa, é o espírito religioso vivido, e não o ritual praticado. O espírito religioso transcende a própria religião.

2.1. RELIGIÃO ESTÁTICA

A religião estática para o filósofo Henri Bergson (2005, p.95) é extremamente humilhante para a inteligência humana. Quanto mais grosseira ela é, maior o lugar material que ela ocupa na vida de um povo, porém, nunca houve uma sociedade sem religião. “Ainda existe no homem uma mentalidade primitiva que se torna responsável pelas superstições” (BERGSON, 2005, p.95). Essa religião é, para o filósofo, uma reação defensiva da natureza contra o poder dissolvente da inteligência. As sociedades se formam pelos costumes e criam suas leis que se tornam obrigações e a religião é uma forma de fazer com que as pessoas não se afastem dessa moral social.

A religião estática: exterior ao indivíduo, infraintelectual, natural porque se deteve, num momento dado, o movimento em frente. Acompanhado pela sua inteligência, pelos perigos que esta inteligência poderia representar, e pela função efabuladora que deveria preveni-los a magia e o animismo elementar, tudo isso correspondia exatamente às necessidades do indivíduo e da sociedade, um e outro limitados nas suas ambições, que a natureza quisera (BERGSON, 2005, p. 160).

Frente a isso, podemos perceber que a religião tem o seu papel no seio da sociedade. Contudo, muito mais do que a religião, Bergson vai dizer que a fabulação exerce um papel fundamental e tão importante quanto. Segundo o filósofo: “A função efabuladora, que pertence à inteligência, mas não é apesar disso a inteligência pura, tem precisamente o fim de elaborar a religião, aquela a que chamamos estática e da qual diríamos que é a religião natural” (BERGSON, 2005, p.174).

É dessa função efabuladora que o homem é capaz de historicizar frente aos acontecimentos sem respostas à inteligência. A morte é um mistério que sempre chamou a atenção do homem, sempre despertou a curiosidade por parte dos homens. É nisso que Bergson vê a importância da religião e da função efabuladora. “Ela foi feita para fabricar espíritos e deuses. Inata no indivíduo, ela tem por primeiro objeto, consolidar a sociedade; mas sabemos que se destina igualmente a sustentar o próprio indivíduo, e que de resto nisso reside o interesse da sociedade” (BERGSON, 2005, p. 169). A religião entra como sendo um discurso que exorciza esse terror que é a morte, a fabulação consegue retirar todo o terror que envolve a morte. “A religião é uma

reação defensiva da natureza contra à representação, pela inteligência, da inevitabilidade da morte" (BERGSON, 2005, p. 118).

O espiritualismo religioso é uma aposta naquilo que o cientificismo não apostou: o lado emocional do homem, esse lado sentimental da pessoa, que necessita estar ao lado dos discursos que não sejam o tempo todo, somente discursos científicos e racionalistas. As pessoas gostam de sonhar, gostam de fabular, mesmo quando elas não são mais crianças, se envolvem em sonhos e fantasias. Por isso, as pessoas gostam de assistir filmes que trazem histórias românticas. Essa é exatamente a face que Bergson procura explicitar a fim de demonstrar que o ser humano não é uma estátua, que apenas o discurso racional não o alimenta.

2.2. O MISTICISMO

O espírito religioso transcende a própria religião. A religião tem normas, códigos, preceitos e todo um catálogo a ser seguido, o espírito religioso não se prende a normas, nem a credos, ele está além da própria normatização religiosa. Bergson chama a isso de misticismo, uma manifestação do amor que parece ser a própria essência do criador.

Aos nossos olhos, o desfecho do misticismo é uma tomada de contato e, por conseguinte, uma coincidência parcial com o esforço criador que a vida manifesta. Este esforço é Deus, se não for o próprio Deus. O grande místico seria uma individualidade que transporia os limites marcados à espécie pela sua materialidade, que continuaria e prologaria assim a ação divina (BERGSON, 2005, p. 187).

Segundo Bergson, mesmo que a religião estática ainda subsista, já não é inteiramente o que era. “Constituirá assim uma religião mista que implicará uma orientação nova da de outrora, uma aspiração mais ou menos pronunciada do Deus antigo, saído da função efabuladora, a perder-se naquele que se revela efetivamente, que ilumina e aquece com a sua presença as almas privilegiadas” (BERGSON, 2005, p.183).

Bergson diz que o misticismo aparece em graus diferenciados nas pessoas, uns têm um misticismo mais elevado, outros, menos elevado. Ele cita personagens da história que fizeram parte de diferentes credos, personagens da religião católica e de outros credos, de outros costumes religiosos, porque, segundo ele, muito mais importante do que as religiões, muito mais importante do que esta ou aquela religião é a forma de se viver a religião.

A sua direção é a mesma que a do impulso da vida; é esse próprio impulso, comunicado integralmente a homens privilegiados que queriam imprimir-lo então na humanidade inteira e, através de uma contradição realizada, converter em esforço criador essa coisa criada que é uma espécie, fazer um movimento daquilo que é por definição paragem (BERGSON, 2005, p.197).

Observamos um crescente interesse pela mística, que em oposição aos valores pregados pelas igrejas vem em forma de meditação e autoconhecimento, capaz de trazer a abertura para o exercício que se dispõe a uma atenção à vida, colocando mais perto a possibilidade de recuperar o equilíbrio e a harmonia através do agir místico pautando as ações no amor.

Para Bergson, há um valor filosófico no misticismo, pois “antes de filosofar é preciso viver, é de uma necessidade vital que devem ter saído as disposições e as convicções originais” (BERGSON, 2005, p. 152). Segundo ele, a religião nos seus primórdios se deu como forma-função vinculada às necessidades humanas mesmo antes de ser um problema filosófico ou teológico.

Sabe-se que a atmosfera de mistério, no sentido órfico da palavra, banha os mitos platônicos, e como a própria teoria das Ideias foi inflectida por uma simpatia secreta pela teoria pitagórica dos números. É certo que nenhuma influência de tal género é sensível em Aristóteles e nos seus sucessores imediatos; mas a filosofia de Plotino, na qual o desenvolvimento em causa culminou, e que deve tanto a Aristóteles como a Platão, é incontestavelmente mística (BERGSON, 2005, p.186).

Por essa razão, Bergson reconhece que a experiência mística não é capaz de trazer ao filósofo uma certeza definitiva, só o poderia se tivesse chegado até ele como uma experiência sensível e racional, sendo o ser humano capaz de entrar em comunicação com um princípio transcendente.

3. O PAPEL DAS EMOÇÕES

Henri Bergson já reconhecia que as “sociedades que progridem obrigam um certo esforço da vida e as que conservam o seu nível bastante inferior são porque passam de uma crença para outra que se assemelha à anterior, porém sem valor” (BERGSON, 2005, p.122). São pessoas que vivem muito mais na superficialidade do Ser, deixando esquecido o que realmente importa: o Eu profundo. Não conseguindo, por essa razão, passar pela experiência de sentir de forma consciente as energias capazes de impulsionar a vida e a existência com uma emoção geradora de ideias. Vivem com a alma escravizada pela pressão que sofrem de uma sociedade que cobra

ações automáticas e instintivas, transformando em impessoalidade o que antes era pessoal, servindo apenas para a conservação dos costumes sociais.

Faz-se necessário ganhar forças para sair do social e ir em direção ao humano e pessoal. Uma ação que seja progressiva e criadora e que conduza o homem à vida pautando-se no amor, com uma emoção profunda que o movimente e o impulse; ação esta, capaz de conduzir a vida no amor, com uma emoção mais profunda que não se deixa levar pela coerção.

A emoção é um estimulante que incita a inteligência a empreender e a vontade a perseverar. É um abalo efetivo da alma, mas uma coisa é uma agitação da superfície, outra coisa, um levantamento das profundidades. Duas espécies de emoção: Na primeira, a emoção é consecutiva a uma ideia ou a uma imagem representada; o estado sensível resulta bem de um estado intelectual que nada lhe deve, que se basta a si próprio e que, se sofre o seu efeito por ricochete, perde com isso, mais que ganha. É a agitação da sensibilidade através de uma representação que nela cai. [...], mas a outra emoção não é determinada por uma representação da qual se pretenderia a continuação e da qual permaneceria distinta. Muito mais que um efeito seria a causa, relativamente aos estados intelectuais que hão-de-sobrevir; surge prenhe de representações, nenhuma das quais propriamente formada, mas que extrai ou poderia extrair da sua substância por meio de um desenvolvimento orgânico. [...] A primeira é infraintelectual e a outra supraintelectual – a emoção geradora de ideias (BERGSON, 2005, p.50).

Segundo Bergson, para isso é necessário o esforço de uma alma que se abra à essência da vida, ao Elã Vital, à força criadora da vida. Um dos caminhos para que isso aconteça, diz o filósofo, seria seguir exemplos de grandes homens que saíram do micro para o macro, visando a humanidade em geral, sem permanecerem apenas em um grupo social limitado. Porém, seguir seus passos não seria o bastante, mais do que isso, seria necessário cultivar a mesma emoção originária que impulsiona à vontade cuja experiência é profunda. Ela é transformadora e capaz de provocar mudanças na subjetividade. Nesse sentido, Bergson afirma que, “o natural mantém-se em bastante bom estado, extremamente vivo, na sociedade mais civilizada” (BERGSON, 2005, p.40).

Essa emoção é aquela capaz de ampliar a percepção saindo das nossas impressões superficiais para o interior, o eu profundo, que pode levar ao conhecimento da essência da vida. Uma força que impulsiona e favorece a comunicação dessa emoção aos demais numa vontade criativa adquirindo expressão, rompendo com as formas estáticas da moral e da religião. Adquirindo assim, uma forma dinâmica capaz de levar junto a humanidade a um progresso para além das normas de uma sociedade limitada.

Infelizmente nem todos estão abertos a experimentar ainda essa emoção e se tornam resistentes porque não a compreendem por não poder sentir essa emoção originária que se difere da religião estática, na medida em que ela é humana, e não apenas social. Ela é capaz de tirar o indivíduo do agir por hábito quase que automática e instintivamente o que o leva em direção ao obedecer e se conformar com as regras coercitivas sociais e religiosas, garantindo assim, a sua preservação e harmonia pela vida, porém sem perceber que a sua liberdade é apenas parcial e ilusória.

A outra atitude da alma aberta (...) se disséssemos que compreende a humanidade inteira, não iríamos muito longe, uma vez que o seu amor se estenderá aos animais, às plantas, a toda a natureza. E, todavia, nada do que viesse assim ocupa-la bastaria para definir a atitude que tornou, uma vez que ela poderia em rigor dispensar tudo isso. A sua forma não depende do seu conteúdo. Acabamos de encher; poderíamos igualmente, agora, esvaziá-la. A caridade subsistiria naquele que a possui, ainda quando já não houvesse outro ser vivo na terra (BERGSON, 2005, p.46).

Se o ser humano não for capaz de fazer uma crítica de si, ele não conseguirá mudar o comportamento moral e religioso no qual está inserido e continuará a agir de modo condicionado ao mundo exterior. É preciso que cada um seja capaz de buscar a sua mudança por meio da sua capacidade de diálogo interior que vai proporcionar uma vivência profunda do seu Eu.

Nem todos poderão experimentar essa vontade que impulsiona para realizações maiores que tem por fundamento uma emoção original continuadora do esforço gerador de vida, como nos aponta o filósofo, porque não conseguem ver, não se distanciam para se autoperceberem a distância, continuam mecanizados e cegos numa moral e numa religião fechada. Segundo ele, seria a moral aberta e a religião dinâmica emanada de uma emoção “capaz de abrir a alma a uma corrente vital, que é o impulso próprio da existência. Só ela é capaz de romper com os esquemas fixos das sociedades e das religiões fechadas, pois a emoção abre a alma a uma corrente vital, que é o impulso próprio da vida emanando a uma moral e a uma religião aberta” (BERGSON, 2005, p.182).

Para isso é preciso um esforço de alma capaz de abrir-se para a essência da vida, num chamamento fundamentado em uma emoção mística que se exprime à maneira da paixão amorosa. Esse chamamento é tal como uma missão de ordem religiosa, moral e mística. A pressão social é substituída por uma atração emocional. Porém, seguir seus passos não seria o bastante, mais que isso, seria necessário cultivar a mesma emoção originária que impulsiona à

vontade, o Elã Vital, cuja experiência é capaz de transformar a subjetividade levando a alma fechada a se abrir⁸.

A emoção sentida pelo místico impulsiona a comunicar essa emoção aos demais. Segundo Bergson, o Elã Vital é essa força impulsionadora que faz o movimento, é a vontade que leva a vida para adiante. É a grande força de vontade interna capaz de promover mudanças individuais e, conseqüentemente, sociais, pois é movimento, é a força criadora que existe no mais profundo do ser e com tamanha potência, que podemos dizer que é de ordem divina, pela sua grandeza. Para o filósofo, a evolução tem como explicação primeira esse Elã Vital, porque é uma força que impulsiona. O Elã da vida reencontra sua força criativa, adquire expressão e adquire formas dinâmicas para a moral e a religião impulsionando ao progresso. Segundo ele: “apossa-se dessa matéria, que é a própria necessidade, e tende a introduzir nela a maior soma possível de indeterminação e de liberdade” (BERGSON, 2005, p.272). E essa emoção parece-nos ser libertadora do espírito provocadora de um agir religioso mais humanizado, intuitivo e capaz de enfrentar a sociedade vazia de sentido, potencializando sua força transformadora e assertiva com ações pautadas no amor e em comunhão com todas as criaturas da terra.

CONCLUSÃO

Sendo objeto da filosofia refletir sobre a existência e a busca de um conhecimento mais profundo de nós e da nossa relação com a vida, trazer a discussão sobre as novas espiritualidades e, ainda, o conceito de religião e misticismo no pensamento do filósofo Henri Bergson, leva a uma reflexão quanto ao que queremos e entendemos sobre a espiritualidade.

Precisamos perceber que não somos constituídos apenas por hábitos automatizados e voltarmos para a emoção original que nos impulsiona, assim, a existência se aprofunda saindo da superficialidade, afastando-se das angústias e do sofrimento. Um olhar crítico sobre essa temática pode contribuir para o encontro mais profundo com a existência e com um agir que contribua para aproximar o divino e uma vida mais feliz.

⁸ O esforço do élan vital é de ultrapassar as diversidades e as formas em direção a uma novidade por vir. As formas, na filosofia bergsonianas não são entes ideais, espirituais, que habitam um mundo como se dá no platonismo. Ao contrário, elas são inferiores, estão alienadas do processo vital que as produziu e por este motivo tem à materialidade. O élan é este movimento de diferenciação do ser, o esforço do fazer, enquanto forma é apenas o resultado final do processo. O ser da forma não é substancial, mas movimento não criativo, conservador (DA SILVA, Adelmo J. “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006).

O que percebemos na contemporaneidade é que a diversidade religiosa traz a visão de que não há apenas um caminho para a salvação e sim, vários nas diversas religiões do mundo, tendo cada uma certa legitimidade. Sabemos que uma única religião não pode pretender se legitimar como o único caminho para a salvação, o que acontece é que nenhum ser humano ainda consegue entender o real sentido dessa salvação por estar além da compreensão humana e todas as religiões tentam alcançá-la através do que pregam.

Cada pessoa é livre para escolher a religião que melhor se assemelha aos seus princípios, mas parece-nos ser necessários o autoconhecimento e a compreensão de que as religiões trazem os seus dogmas que podem ser contrários à espiritualidade que buscamos. Nossa inquietude é saber até que ponto as religiões e as novas espiritualidades estão contribuindo para o alcance de um estado interior que vai além de conceituações dogmáticas e se aproxime da união do ser humano com o divino colocando-o em comunhão com o todo do universo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANSELL- Pearson, Keith. **Bergson: Thinking Beyond The Human Condition**. New York: Bloomsbury Academic, 2018.

BERGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Coimbra: Almedina, 2005.

CARRERA, Joan. **Cristianismo, Capitalismo y Posmodernidad**. Barcelona: Cristianisme i Justícia, 2014.

CASTILLO, José M. **Espiritualidad para Insatisfechos**. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

DA SILVA, Adelmo José. “**Existência e Arte**” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006).

GUERRIERO, Silas. **Novas Configurações das Religiões Tradicionais: Re-significação e influência do universo Nova Era**. Tomo 14 jan./jun. 2009. eer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/497

MEDEIROS, Robson. **A Intuição e a Mística do agir religioso: a partir de Henri Bergson**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ROCHAMONTE, Catarina. **Entre a Filosofia e Espiritualidade: Michel Foucault, Pierre Hadot e Henri Bergson**. Revista Contemplação, 2015 (12), p.54-65.

SWINBURNE, Ricahard. **Deus Existe? Brasília, DF:** Academia Monergista, 2017.